

Nome: Ricardo Gustavo Garcia de Mello

Título: *A América sob o signo civilizador de Cristo: Víctor Andrés Belaunde e o legado ibérico na transmissão da cultura.*

Resumo: Demonstrar a importância civilizatória do Cristianismo por ter revelado ao continente americano o mundo interior que habita em cada ser humano, chamado alma, que necessita ser cultivado, sendo a concepção de pessoa humana um dos principais legados do cristianismo para América.

Palavras-chave: Iberismo; pessoa humana; Víctor Andrés Belaunde.

Resumen: Para demostrar la importancia de la civilización del cristianismo por revelar al continente americano el mundo interior que habita en cada ser humano, llamado alma, que necesita ser cultivada, y la concepción de la persona humana uno de los principales legados del cristianismo a América.

Palabras clave: iberismo; persona humana; Víctor Andrés Belaunde.

Abstract: Demonstrate the civilizing importance of Christianity for having revealed to the American continent the inner world that inhabits every human being, called the soul, that needs to be cultivated, and the conception of the human person is one of the main legacies of Christianity for America.

Keywords: Iberianism; Human person; Víctor Andrés Belaunde.

Introdução: O cristianismo e o problema do descolonialismo

Víctor Andrés Belaunde (1883-1966) foi um pensador, escritor, diplomata, político e sobretudo a voz humanista católica nos debates intelectuais da sociedade peruana, um dos principais integrantes da Geração de 900 junto com Francisco García Calderón e José de la Riva-Agüero, geração que simbolizava uma alternativa liberal-conservadora ao pensamento da esquerda. Para Belaunde não é o populismo de Víctor Raúl Haya de la Torre (1895-1979), tampouco a ideologia radical do Dr. Amauta, José Carlos Mariátegui (1883-1966), que mescla Bolchevismo com comunismo incaico, os aportes teóricos capazes

de dar respostas ao insolidarismo vivido pela sociedade peruana, mas somente a tradição religiosa cristã é capaz de integrar a sociedade peruana em uma síntese viva e não estática. É através de alternativas cristãs e não por radicalismos ideológicos que se pode dar respostas as contradições e conflitos sociais.

No prólogo da sua obra *Palabras de fe* (1952) Belaunde afirma.

No he considerado jamás el mensaje de nuestra Religión separado de nuestros problemas y de las grandes cuestiones de la época actual. De aquí mi empeño en plantear los problemas peruanos desde el punto de vista cristiano (La realidad nacional, Peruanidad, Meditaciones peruanas); en exponer el programa constitucional católico del Perú (El debate constitucional y La crisis presente); en presentar el pensamiento moderno frente al Mensaje de Jesús (El Cristo de la fe y Los cristos literarios); en examinar las tendencias de la Filosofía contemporánea en relación con la gran tradición filosófica (Inquietud, serenidad y plenitud) y en analizar la crisis de la Cultura Occidental a la luz del Cristianismo.” [BELAUNDE, 1993, p.121]

Belaunde desfaz a *Leyenda Negra* que se construiu sobre o legado ibérico da colonização, demonstrando como a colonização se desdobrou não só em aspectos negativos, mas também em aspectos positivos; o cristianismo que revelou a essência humana, a alma, que era desconhecida pelos nativos que serviam suas vidas em ritos canibais ou em sacrifícios humanos para satisfazer a vontade de “Deuses Reis”.

Santo Agostinho (354-430) em sua obra *Cidade de Deus* se embasando na obra *As superstições* do filósofo romano Sêneca (4a.C–65) destaca como o paganismo tão presente nos bárbaros que cultuam Deuses Reis contínua atual na forma de idolatria.

Um amputa os seus próprios órgãos viris; outro corta os bíceps dos braços. Como é que temerão a cólera dos deuses os que assim os aplacam? Não se deve prestar qualquer espécie de culto a deuses que querem uma coisa destas! Tão grande é a loucura de uma alma perturbada e como que lançada fora de si, que ela pretende aplacar os deuses comportando-se como o não fariam os homens mais temíveis e cuja crueldade passou à história fabulosa. Tiranos houve que despedaçaram os membros das suas vítimas, mas a ninguém ordenaram que despedaçassem os deles próprios. Alguns desgraçados foram castrados para satisfazerem a vergonhosa lascívia dos reis, mas ninguém se mutilou com as suas próprias mãos às ordens do seu senhor para deixar de ser homem. Golpeiam-se

nos templos, oferecem em súplica as suas feridas e o seu sangue. Se a alguém fosse dada a oportunidade de observar os que assim procedem e sofrem, veria coisas tão repugnantes para as pessoas decentes, tão indignas dos homens livres, tão longe dos são espíritos, que ninguém duvidaria de estar no meio de loucos se fossem poucos. No caso, a multidão dos insensatos toma-se garantia da sua sanidade mental.” [AGOSTINHO, 1996, Vol. 1, p.594-5]

Ao descrever a crueldade de tais cultos obscenos que exigem o sacrifício de inocentes nos seus altares, Agostinho demonstra como a filosofia e a religião Cristã ensinou ao homem que vive em um mundo pagão de imitadores de Deus, a não ser supersticioso neste mundo, porque a superstição conferi poderes místicos a coisas, animais e homens que são antes mágicos embusteiros do que Deuses. As culturas primitivas ou nativas da América se embasam na existência de um Deus-Rei, exemplo o Sapa Inca no Peru, que exigiu sacrifícios para agradar ao Deus-Sol ou a Mãe-Terra (Pachamama). O Sapa Inca é um Deus-Rei, ou seja, senhor das coisas temporais e da vida eterna, portanto senhor de tudo aquilo que existe; ele detém o monopólio do poder temporal e espiritual sob tudo aquilo que existe, não existe outro ser inteligente e protagonista da sua história a não ser o Deus-Rei, inexistente a ideia de que os demais seres humanos são pessoas humanas com alma racional, em suma, o Deus-Rei é o senhor da vida, da morte e do nascimento dos homens, ele decide quando se pode viver, morrer ou nascer, por isto ele exige sacrifícios humanos para satisfazer suas vontades. Tudo o que existe e não existe no mundo pertence ao Deus-Rei, o senhor do Alfa (início) e do Ômega (fim). Por isto que o Deus-Rei, como o Sapa-Inca, é o legislador primordial e final do Universo de que fala René Guénon (2011).

O Deus-Rei é um Deus feito de carne e osso que governa temporalmente os homens e exige sacrifícios humanos constantes para satisfazer sua vontade, por isto que o Deus-Rei, o Sapa Inca, é um Deus da carnificina. A cosmologia Inca assim como a cosmologia Asteca são cosmologias genocidas pelo fato da sua lógica do Cosmo (Ordem) se fundamentar no sacrifício humano para satisfazer as vontades de um Rei que é Deus. Tais culturas edificadas sobre o altar de sacrifícios humanos ou do canibalismo só podem ser culturas bárbaras porque os seus Deuses são o Deus da carnificina que exige dos homens a morte, diferente do Deus de Israel que criou os homens para amor à vida e amar o próximo.

Para Víctor Andrés Belaunde a cultura americana não resulta do amadurecimento das formas culturais autóctones, mas do recebimento dos valores e ideias da Civilização Ocidental que aqui se aclimatou com os diferentes elementos locais gerando formas culturais que são configurações *sui generis*

da Civilização Ocidental e não a sua negação. E um dos agentes principais pela formulação e expansão dos valores e ideias ocidentais é o catolicismo da Igreja de Roma

Quando consideramos o mundo ocidental, devemos reconhecer que a principal tradição cultural tem sido aquela que corresponde à Igreja de Roma. Apenas dentro dos últimos quatrocentos anos nenhuma outra se manifestou; e qualquer pessoa com um senso de centro e periferia deve admitir que a tradição ocidental tem sido latina – e latina significa Roma. Há incontáveis testemunhos de arte e pensamento e costumes; e entre esses devemos incluir o trabalho de todos os homens nascidos e educados em uma sociedade católica, não importa qual sua crença individual. [ELIOT, 2011, p.81-2]

Foi a religião cristã que lançou a semente, as ideias e valores, que permitiu o florescimento da cultura na América. “[...] cultura alguma pode aparecer ou desaparecer a não ser em relação a uma religião.” [ELIOT, 2011, p.30]. É a religião que preside a germinação e formação das grandes culturas. Por isto que foi a revelação Cristã e não as cosmologias ameríndias que prepararam os fundamentos culturais da América ao revelar a alma humana que habita em cada ser humano independente da sua circunstância tempo-espço ou situação social.

Los valores espirituales asumen y transforman los elementos que constituyen la corporeidad de una nación: tierra, instituciones, estructuras, quedan penetradas y transidas por los mismos principios e ideales. Estos realizan penosamente a través del tiempo una obra de inspiración, de impregnación y de asunción. Tal función asuntiva explica los fenómenos de transculturación. [BELAUNDE, 1993, p.5]

Toda a cultura tem certa origem em valores transcendentais, uma matriz religiosa que torna possível edificar e sustentar a cultura, nenhuma cultura se mantém em si mesma, ela necessita de uma visão metafísica para se perpetuar. E no caso da América é a revelação Cristã que fornece essa visão metafísica.

Penso que as grandes culturas florescem pela capacidade de revelar e demonstrar sua substância profundamente humana e universal, já os bárbaros se caracterizam primeiro por fazer de outros seres, animais ou tiranos Deuses e em segundo pelo fato de restringir os valores da sua cultura ao exotismo étnico circunscrevendo a complexidade da sua cultura ao seu umbigo. Belaunde atento aos barbarismo

coloca a sua concepção de *Peruanidad* não como sinônimo de nacionalismo ou étnicidade, mas de cristianização.

La concepción de la peruanidad integral con verdadera jerarquía de valores. La conquista supuso una transformación económica por la introducción de elementos nuevos al lado de los antiguos; una transformación biológica por el mestizaje y una transformación ético-religiosa por la propagación del cristianismo. Las mismas instituciones económico-políticas autóctonas y los valores estéticos y sociales de la organización primitiva reciben una nueva inspiración al extenderse al incario las ideas de persona humana y de Derecho Superior al Estado; en suma la concepción cristiana de la vida [BELAUNDE, 1967, p.5-6]

Belaunde utiliza o termo Síntese vivente para explicar a supremacia e a primazia dos valores espirituais na constituição das culturas, tendo uma influência decisiva na formação dos povos, dado a capacidade dos valores das grandes religiões, em especial do cristianismo, em incorporar os elementos étnicos e geográficos mais diversos. As grandes religiões não possuem circunscrições étnicas e geográficas, mas valores abrangentes e inclusivos, já as culturas étnicas e os movimentos nacionalistas são exclusivos e excludentes.

Não foi sob o julgo da espada do império, mas pela fé de Cristo que se fundou as bases civilizacionais do Novo Mundo, a superioridade dos Europeus não era no campo material ou militar, o poderio dos Incas e Astecas no território americano eram localmente superiores as forças dos Impérios ibéricos, mas no campo espiritual; a cosmovisão Cristã era superior e mais humanista do que qualquer crença nativa. Foi antes a cruz de Cristo e não a espada do império que colonizou ou melhor emancipou a América.

Ao descobrirmos a América, na pessoa dos nossos antepassados, incorporamos uma nova realidade geográfica à realidade espiritual que nos constitui. Em termos culturais não se realizou transformação radical. O novo mundo foi feito segundo o paideuma e o estilo da cultura que fez os descobridores e colocou em suas mãos o mapa do mundo. As culturas que encontramos não oferecem valores capazes de modificar ou sequer enriquecer a cosmovisão de que éramos portadores. Mesmo as culturas americanas mais conscientes, como a dos Incas e dos Astecas, desapareceram como forças decisivas, por velhice ou por esterilidade. A guerra de extermínio e a dominação dos hispânicos não seriam forças

suficientes para aniquilar tais culturas se elas tivessem força espiritual suficiente para fazer valer as formas que nasciam de seus projetos constitutivos. [CRIPPA, 1978, p.18-19]

A colonização, a emancipação, foi antes obra da cruz do que da espada. A espada do império exerceu poder somente sobre os corpos e terras dos nativos quem exerceu poder espiritual foi a Cruz como símbolo universal e evocativo de Cristo. O cristianismo ao revelar a substância Alma contida em cada ser humano devendo o homem cultivar o seu interior como condição para o refinamento e elevação da cultura em geral, fez cair por terra os deuses embusteiros.

São Mateus Apóstolo já afirmava a vocação universal do cristianismo e a necessidade de espalhar a cultura cristã pelo mundo, (...) *Idei e fazei com que todos os povos na terra se tornem discípulos, batizando-os...* [MATEUS 28:19]. O cristianismo veio ao mundo com a missão e consciência de levar a sua cultura aos confins da terra, o cristianismo nasceu com o encargo civilizatório de se universalizar. O universalismo cristão não é movido pela vontade de poder dos impérios, mas pela necessidade de levar para todos os cantos do mundo o conhecimento do Deus Único e o modelo de Cristo. “[...] o direito e a capacidade da fé cristã de comunicar-se à outras culturas, para acolhê-las, para transferir o seu legado a elas. No fundo, aí se encontra todas as questões do fundamento da existência cristã.” [RATZINGER, 2015, p.57]

A fé cristã prevaleceu não pelo uso da força física e de métodos coativos para se impor às demais culturas, a resposta para compreender a supremacia da fé cristã sobre as demais culturas ameríndias se deve ao fato de que por debaixo da pluralidade de culturas existe um mesmo Ser chamada Homem, que o cristianismo revelou. Muitas culturas em vez de promoverem o humanismo, o Homem como o sujeito ativo e protagonista da história, elas promovem mágicos embusteiros que se servem de sacrifícios humanos e do canibalismo para simular um poderio divino e o papel do cristianismo foi revelar, retirando o véu obscurantista da ignorância que turva a visão dos homens, a vida interior constituída pela alma racional que habita em cada pessoa humana. O encontro entre as culturas e a fé cristã só é possível devido a existência da mesma essência humana apesar das diferentes formas existências.

A revelação cristã exerceu o mesmo poder espiritual também sobre a cultura e a filosofia grega.

O que jamais foi possível no âmbito das culturas que viviam de revelações primitivas, tornou-se possível à cultura ocidental a partir da revelação histórica do cristianismo. Na verdade, esse encontro constitui a grandeza da civilização ocidental, da sua mística, e religiosidade, da sua teologia e filosofia, da sua arte e técnica, numa palavra, do seu pensamento, das suas obras e dos seus feitos. O esforço socrático de autoconhecer-se, ponto de partida de uma verdadeira atitude ética, induzido por uma provocação que nos conduz para a interioridade, encontra na revelação cristã sua derradeira justificação. [...] A luta platônica contra todas as limitações da existência terrena e as paredes obscuras da prisão temporária, tendo em vista uma adequação mais perfeita aos ideais supremos da Verdade, da Bondade e da Beleza, recebe da revelação cristã a justificação metafísica e religiosa que lhe faltava. [CRIPPA, 1974, p.47]

A alma é a interioridade humana revelada pelo cristianismo ao ser humano, ao demonstrar que o homem é um ser com uma interioridade divina, racional, livre, criadora e responsável demonstra que a cultura não é só expressão exterior de objetos e adornos, mas sobretudo cultiva da interioridade. É a revelação cristã da alma que abre as possibilidades para o desenvolvimento cultural da personalidade e da sociedade.

Nos termos de Belaunde:

La personalidad tiene así una suprema dignidad. Esta concepción, intuita ya por la filosofía estoica, tiene su justa realización en el Cristianismo. El hombre es la imagen de Dios por la unidad y la libertad. La unidad en Dios es totalidad y plenitud; la libertad es creación. En el hombre, la unidad encarna la aspiración a la plenitud, y la libertad importa la propia superación. Por la unidad el hombre es el microcosmos; por la libertad este puede unirse a Dios o separase de Él.” [BELAUNDE, 1993, p.47]

Foi o Cristianismo que liberou os nativos dos seus Deuses sedentos de sangue através do reconhecimento da Pessoa humana, reconhecendo que todo ser humano, não importa a circunstância tempo-espço, é portador de racionalidade, individualidade e alma, feito a imagem de Deus e não pode ser servido como refeição de um Tirano ou Falso-Deus canibal.

Por isto que a perspectiva de Belaunde bate de frente com o esquerdismo descolonialistas. O descolonialismo afirma que a cultura nacional resulta da valorização dos nossos traços específicos e

particulares em oposição ao colonialismo caracterizado por valorizar aquilo que é universal e humano, em suma tudo aquilo que foi legado pela civilização ocidental, por isto que o descolonizador busca inventar uma tradição autóctone para fundamentar sua argumentação de que existe uma cultura só nossa, uma autarquia espiritual, como se existisse um Ser Nacional metafísico aos moldes dos racialistas místicos em oposição aos valores transplantados pela Civilização Ocidental, que para o intelectual descolonialista são resultado da nossa dependência/subordinação estrutural. Os intelectuais descolonialistas negam a importância do caráter civilizatório da cultura Ocidental e a grandeza do legado cristão como semeadores de culturas.

Eles se esquecem da importância do universalismo.

Uma religião universal é, ao menos potencialmente, superior em relação àquela que alguma raça ou nação reivindique exclusivamente para si; e uma cultura que concretiza uma religião também concretizada em outras culturas é, ao menos potencialmente, uma cultura superior àquela que possui uma religião exclusivamente para si.[ELIOT, 2011, p.34]

O descolonizador valoriza os primitivismos até os mais bárbaros como o canibalismo antropofágico e o sacrifício de mulheres e crianças para satisfazer a sede de sangue do Deus-Rei pelo simples fato de se oporem a cultura espiritual do Ocidente. Essa postura de ódio ao Ocidente, o descolonialismo, vem sendo cultivado como o pico da crítica intelectual elevada na América Latina, sendo boa parcela desses esquemas descolonialistas embasados no marxismo, julgado idôneo, anti-imperialista e capaz de emancipar o homem da alienação colonial. Os intelectuais descolonialistas são como seres iluminados que vão revelar o Ser Nacional Autóctone substituindo a mentalidade colonial vigente por uma mentalidade original, que na verdade é inventada por tal ser ilustrado. O intelectual descolonialista na verdade é um niilista primitivo que pretende destruir todos os modelos e exemplos históricos alienígenas e recriar o marco zero da nulidade nativa.

A originalidade nada tem a ver com primitivismo e novidade. Para criar algo realmente original não se pode ignorar a própria substância espiritual e histórica e, muito menos, renunciar ao que já foi adquirido no campo das expressões da sensibilidade, da moralidade e da religiosidade.” [CRIPPA, 1978, p,40]

A originalidade de um povo não está naquilo que ele tem de exótico, primitivo e étnico, mas naquilo que ele produz de civilizado e universal. “[...] o povo de Deus não é uma estrutura cultural própria, mas compõe-se de todos os povos...” [RATZINGER, 2015, p.69]

O descolonialismo é difundido nas ciências sociais como anti-imperialismo cultural, uma luta contra os resquícios da colonização presentes em nossa mentalidade colonial que é um legado do colonialismo Ocidental, sendo a civilização Ocidental o bode expiatório em que se descarrega toda a responsabilidade, imputando ao Ocidente os motivos de todas as nossas desgraças, procurando inventar um pensamento alternativo ao legado intelectual do Ocidental, ou seja, uma alternativa diante da filosofia grega, o Direito Romano e a moral judaico-cristã que são produtos da alienação inventada pelo homem universal do Ocidente que expandiu a “falsa consciência” alienada pelo mundo, negando a substância particular dos povos originários. Sendo necessário a destruição do legado intelectual e cultural da própria civilização Ocidental para emancipar os “saberes originários” dos nativos.

Para Augusto Salazar Bondy *“nuestra filosofía con sus peculiaridades propias. no ha sido un pensamiento genuino y original. sino inauténtico e imitativo en lo fundamental”* [BONDY, 1968, p.131] E ainda continua: *“vivimos alienados respecto de la propia realidad que se ofrece como una instancia defectiva. con carencias múltiples. sin integración y por ende sin vigor espiritual”* (BONDY, 1968, p. 117).

Estas afirmações só são coerentes se admitir que havia uma realidade espiritual, portanto, uma alma ou consciência reconhecida por todos, mas essa não era a realidade o que existia era homens que cultuam animais ou imperadores como Deuses, colocando sempre o homem à serviço de um animal ou tirano, rebaixando o seu status ontológico enquanto Ser, fazendo com que pensem e atuem como bárbaros ao imolar os seus filhos no altar do tirano ou se canibalizarem como fazem as bestas mais funestas do reino selvagem. Boa parte desses intelectuais esquerdistas descolonialistas fazem dessas práticas bárbaras atos da mais pura sapiência.

Como os descolonialistas não possuem a supremacia intelectual, econômica e militar para derrubar o “Colonizador Ocidental” que opera através da mentalidade colonizada, o que os intelectuais descolonialista fazem é inverter os polos entre civilização e barbárie, considerando os atos sacrifícios e canibalismo para os Deuses originários um ato de libertação frente a concepção de que o Homem foi feito a imagem e semelhança de Deus, sendo um Ser com alma racional, livre e responsável pelas suas ações, sendo somente o homem o protagonista da história e não outros seres, como pensavam os bárbaros. Este

ódio da civilização Ocidental tão presente no discurso descolonialista é conveniente à nossa elite política por oferecer um sustentáculo ideológico para seus erros e crimes ao criar um bode expiatório, onde podem expiar seus pegados e abrir mão da sua parcela de responsabilidade e culpa, atribuindo todos os seus erros ao imperialismo.

Para muitos descolonialistas a ascensão dos povos dependentes ao palco da história como sujeitos da sua própria história é sinônimo de aterrorizar a cultura ocidental com atos de barbarismo cultural.

No descolonialismo a hegemonia do pensamento ocidental se formou a partir destruição desde de dentro das culturas autóctones através da mentalidade colonial, que é um dispositivo de dominação mais sofisticado do que a colonização comercial e militar. Sendo a dependência dos povos não só fruto da conquista sanguinolenta e rapinagem, mas sobretudo fruto da conquista espiritual dos povos originários. Em suma para os descolonialistas o único modo de experimentar a emancipação do colonialismo mental é sendo um completo órfão da cultura ocidental e todos aqueles contrários a tal postura são vistos como lacaios do imperialismo.

É fato: somos dependentes economicamente, militarmente e tecnologicamente dos países centrais, mais isto não quer dizer que nossa dependência cultural da civilização ocidental signifique uma relação de subordinação, mas antes que desta relação com a civilização cultural depende o desenvolvimento da nossa própria cultura, assim como as culturas do Estados Unidos, Europa e alguns países do Oriente médio e África dependem da civilização ocidental para se desenvolver. A relação de dependência cultural que o Brasil, o Peru, a Alemanha, a França, os Estados Unidos, Israel e a Etiópia têm com os valores transcendentais da moral Judaico-cristã é a mesma.

Nos termos de Belaunde.

Observamos que la unión dentro de la trascendencia supone una forma de animación más hermosa y más rica que la del inmanentismo, que esclaviza la vida a la materia y el espíritu a la vida. La unión que explica la vida de los seres colectivos a través de una comunidad de valores es asuntiva.” [BELAUNDE, 1993, p.10]

2. A importância da Religião na revelação cultural da Pessoa Humana

É necessário compreender a relação de interdependência entre religião e cultura, não compreender essa relação, resulta em dois erros. O primeiro erro é achar que a cultura pode ser preservada ou ampliada

na ausência de valores transcendentais fornecidos pela religião, para Belaunde “[...] *no existe cultura sin moral y no existe moral sin valores trascendentes con base religiosa.*” [BELAUNDE, 1993, p.15]

E o segundo erro difundido é acreditar na expansão da religião sem contar com o desenvolvimento da cultura. “[...] *não existe fé livre de cultura e também porque não há cultura livre de fé...*” [RATZINGER, 2015, p.62] aqueles que não conseguem enxergar o vínculo entre a percepção espiritual e a sensibilidade estética não podem compreender a relação entre os bens intelectuais e a elevação do espírito.

O conceito etnográfico de cultura como o conjunto de hábitos, costumes, bens materiais, símbolos e crenças que configuram a fisionomia de uma coletividade não é capaz de captar o que confere uma lógica ao conjunto de símbolos, crenças e valores, sendo a cosmovisão religiosa aquilo que confere uma lógica ao conjunto de símbolos, crenças e sobretudo valores, nela está inscrito os valores nucleares que definem o que é certo e errado, bom e mau, justo e injusto. Na cosmovisão judaico-cristã os valores nucleares estão inscritos nos Dez mandamentos.

Primeiramente precisamos afirmar: a fé mesma é cultura. Não existe uma fé nua, como mera religião. Logo que ela diz ao homem que é ele e como deve começar a ser humano, a fé cria cultura, é cultura. [...] A fé é, ela mesma, cultura.” [RATZINGER, 2015, p.65]

Ao afirmar que toda grande cultura está embasada em uma cosmovisão religiosa, quero dizer que a cultura é sobretudo *cultura anime*, ou seja, refinamento do homem através do cultivo do espírito. A própria concepção de Civilização está apoiada no conceito de *cultura anime*: refinamento do homem através do cultivo do espírito. O termo cultura significa cultivar, cuidar e cultuar, o homem culto é aquele que se cultivou e não permaneceu bruto.

Homem culto é aquele que se cultivou. O termo cultivar denota atenção, cuidado. A primeira dimensão da cultura é a “interiorização e enriquecimento de cada sujeito” mediante a aprendizagem, “o mobiliado e decorado da sua mente e da sua psique” Cultura significa, portanto, ter conhecimentos, riqueza interior, mundo íntimo; A origem de toda cultura é o núcleo criativo e afetivo da pessoa, uma sabedoria que cresce para dentro, porque se cultiva para depois sair de dentro.” [STORY E ECHEVARRÍA, 2005, p.347]

O homem culto é aquele que cultivou a sua vida interior, o espírito, este microcosmo de onde se pode derivar todas as grandes construções humanas, apesar de hodiernamente se prestar atenção às exterioridades e aos bens materiais, focar no Ter e não no Ser, a verdadeira morada do homem é o seu interior e não o seu verniz exterior, por isto que é de suma importância conhecer a morada interior de um homem e não o verniz da sua fachada.

Frente à primazia da exterioridade, o espírito humano caracteriza-se por saber habitar dentro de si e criar um mundo interior, que não é sonhado, mas vivido. [...] O descobrimento da interioridade e seu cultivo são o requisito para uma verdade *bildung* (formação). [STORY E ECHEVARRÍA, 2005, p.347-8]

A importância civilizatória do Cristianismo está na capacidade de revelar esse mundo interior que necessita ser cultivado, chamado alma. Marco Túlio Cícero (106-43a.C.) em *Tusculanae* já falava da importância da *Cultura anime* (cultura da alma), portanto do conhecimento espiritual enquanto condição especial e necessária para a formação cultural do homem e da sociedade.

Nem todas as almas que se cultiva produzem frutos. [Mas. . .] um campo, por mais fértil que seja, não pode ser produtivo sem cultura, da mesma forma que uma alma sem ensinamentos. [...] Ora, a cultura da alma é a filosofia: é ela quem arranca os vícios pela raiz, quem prepara as almas para receber as sementes, quem as fornece e, por assim dizer, semeia o que, uma vez desenvolvido, produzirá os frutos mais abundantes.” [FONTANIER, 2007, p53]

Se a Filosofia é o diálogo da alma consigo em torno do ser, podemos dizer que a Cultura é o cultivo da alma.

E o cultivo da alma se apresenta no momento da revelação do conceito da pessoa humana. A definição de pessoa humana de Santo Tomás de Aquino (1225-1274) tem por base a definição de pessoa de Boécio (480d.C - 524d.C) este poeta, filósofo e estadista romano, autor da célebre obra consolação da Filosofia. Para Boécio a pessoa é uma substancia individual e de natureza racional, sendo o ser humano o único exemplar existente na vida terrena, não existindo outro ser de carne e osso cuja existência se caracteriza por sua natureza individual e racional. O animal, a planta e a pedra não podem ser considerados pessoas, porque onde não há alma racional e individualidade não existe as características da pessoa e não pode ser julgado como pessoa humana. O homem é um ser infinitamente superior aos

demais é o único ser munido da razão para viver e submeter os demais seres, sendo o ser humano o único Ser que Deus fez livre e racional, os demais seres do mundo foram criados com a finalidade de servir ao homem e não o oposto.

Na introdução da sua obra *La Síntesis Viviente* (1950) Belaunde demonstra a importância do aparecimento do conceito de pessoa humana com os cristianismo. *“Viejo agustiniano, sostengo, siguiendo a Dilthey, que el Cristianismo entrañó una verdadera revolución filosófica por la original idea de Persona, que desconoció, en su profundo significado, la filosofía antigua.”* [BELAUNDE, 1993, p.3]

A pessoa humana é o ser racional, completo e singular distinto de outro qualquer ser. Nunca podendo atribuir o nome ou valor de pessoa humana para uma pedra, planta, animal ou astro. A singularidade e a racionalidade só coexistem na pessoa humana. No primeiro capítulo: *reflexiones sobre la cultura hispánica da obra La Síntesis viviente* Belaunde explica a importância da pessoa humana.

La idea de persona es el arco total de la cultura cristiana y representa un avance decisivo del pensamiento cristiano sobre el pensamiento griego. Hay un significativo paralelo revelador entre la vivencia de la persona y la cultura. Cuando disminuye el sentimiento de la personalidad y de la libertad, la cultura amenaza desintegrarse a pesar de los progresos materiales y técnicos. [BELAUNDE, 1993, p.40]

A pessoa humana é o que existe de mais perfeito no Universo, não somente no sentido da evolução, mas também da civilização. E a Inteligência e a liberdade são poderes intrinsecamente humanos que conferem ao homem o primado sobre todos os outros seres. A humanidade não é um ser singular, mas todas pessoas que são seres singulares, livres e racionais que não podem ser instrumentalizados pela práxis política ideológica.

Parece-me que o primeiro e mais fundamental é a consciência de si. Só a pessoa diz: Eu. Raramente os profanos conseguem medir a importância disso, de ter o homem consciência de si. Mas ao filósofo, que considera atentamente as coisas, far-se-á manifesto que toda a longa litania de privilégios do homem, nasce, fundamentalmente, desta consciência. O homem fala, ri, progride, cria, torna-se artista, herói, santo, em virtude de ter consciência de si, de poder dizer: Eu. É, também, porque pode dizer: eu que chora, se aborrece, impreca, tem sofrimentos, angústias, agonias, que nenhuma animal conhece. E é por este privilégio que se torna às vezes brutas, imoral, cruel mais do que as bestas. [NOGARE, 1974, p.104]

Pelo fato do homem ser o único ser com alma racional e individualidade que se encontra em um corpo material e limitado, isto além de tornar a existência um dilema devido ao corpo mortal diante da nossa alma imortal, faz com que a inteligência humana seja capaz de se elevar além dos limites colocados pela matéria, sendo assim capaz de imaginar e inventar novas coisas. E a individualidade e racionalidade humana se expressa na capacidade que o homem tem de escolher os meios e finalidades da sua ação, o ser humano é o único ser que se autodetermina, os demais seres vivem determinados para satisfazer os seus instintos, o homem vive através das escolhas que toma e sobretudo pelo conjunto de valores que ele toma como o quadro de referência para sua vida, lhe conferindo uma cosmovisão da vida e da morte, bem e mal, justiça e injustiça, certo e errado, utilidade e futilidade que orientam a sua conduta.

A pessoa humana é o único ser portador desse grande e terrível privilégio que é a escolha, a necessidade de decidir sobre quais valores orientam sua existência e determinam o fim última das suas ações, a pessoa humana se difere dos animais porque o seu destino não é só guiado pelo estômago, mas sobretudo pelos valores que escolhe seguir.

Segundo Santo Tomás, a pessoa humana é a imagem, embora imperfeita, de Deus e todos os outros seres são apenas vestígios de Deus, ou seja, o homem é aquilo que Deus fez de mais perfeito, disto não se pode concluir que o homem seja Deus, mas que o ser feito a imagem de Deus, o homem, é superior aos demais seres, os animais e plantas, que são apenas vestígios de Deus. A pessoa humana possui um valor absoluto e não pode ser relativizado como meio de ação como fazem certas empresas, Estados e partidos, a pessoa humana é sempre o fim, a meta da ação humana e nunca o instrumento de uma organização ou coletivo. É nisto que se encontra a base dos Direitos Humanos e de todo o humanismo autêntico.

A revelação de que uma alma habita o homem e que todo o ser humano é possuidor de uma morada interior e deve cuidar dela, marca o cume da verdade filosófica.

Ademais, no perene processo de autoconsciência cultural, que confunde com a procura permanente da verdade, atingimos dois pontos decisivos do conhecimento, o primeiro dos quais é o de que existem certos valores que, uma vez revelados ou conquistados, tornam-se patrimônio irrenunciável da espécie humana para todo o sempre, como é o caso do valor da pessoa humana e dos que dele decorrem: são as invariantes axiológicas, que podem sofrer oscilações de sentido ao longo do tempo, mas que, em sua essência,

constituem aquisições históricas definitivas, marcos indelévels de nosso constante caminhar [REALE, 2000, p. 23-4]

Por isto que é coerente afirmar que além do homem ser o centro do mundo ele também é o único ser que carrega um microcosmo dentro de si, sendo proprietário de um universo particular que transcende a mera materialidade da experiência pura

A instrumentalização do ser Humano por uma ideologia ou interesse utilitário é contrário ao valor fundamental da pessoa humana, a liberdade. A liberdade consiste na escolha e domínio das próprias ações e fins, já aquilo que é instrumental ou instrumento não pode escolher ou dominar as próprias ações e fins pelo fato de ser um meio para agir e alcançar um fim. Portanto aquilo que é instrumental não se autodetermina como sujeito, somente o homem se autodetermina como sujeito pelo fato de escolher e dominar os meios e fins da sua ação, tudo o que é instrumento é determinado pelas ações e fins de terceiros e não por si mesmo. Por isto que o ato de instrumentalizar o homem para manobrá-lo é um crime contra a pessoa humana.

Conclusão

A própria cultura Ocidental nasceu do encontro entre culturas diferentes; o encontro entre Jerusalém, Atenas e Roma, ou seja, o encontro entre o Deus de Israel e a Moral Judaica com a filosofia grega de Atenas (Sócrates, Platão e Aristóteles) e o Direito Romano. Esse encontro foi produto da religião Cristã, e sobretudo da sua concepção de pessoa humana, está força aglutinadora e conciliadora.

A nossa herança cristã devemos muitas coisas além de nossa fé religiosa. Através dela rastreamos a evolução de nossas artes; através dela temos nossa concepção de lei romana que tanto fez para molda o mundo ocidental; através dela temos nossa concepção de moralidade pública e privada. E através dela temos nossos padrões comuns de literatura, nas literaturas da Grécia e Roma. O mundo ocidental tem sua unidade nessa herança, no cristianismo e nas antigas civilizações da Grécia, de Roma e de Israel, das quais, devendo muito a dois mil anos de cristianismo, rastreamos nossa descendência. Não aprofundarei esse ponto. O que quero dizer é que essa unidade nos elementos comuns da cultura, através de muitos séculos, é o verdadeiro laço que nos une. Nenhuma organização política ou econômica, não importa quanta boa vontade ela comande, pode oferecer o que essa

unidade cultural nos dá. Se dissiparmos ou jogarmos nosso patrimônio cultural comum, então toda organização e todo planejamento das mais engenhosas mentes não serão capazes de nos ajudar ou nos aproximar. [ELIOT, 2011, p.139]

O cristianismo continua a ser o elo que nos une, o verdadeiro laço civilizacional que fornece a unidade, apesar dos diferentes elementos culturais. Tal elo, o cristianismo, não pode ser substituído por nenhum projeto de integração econômica ou política, não importa a boa vontade de líderes políticos, nada pode oferecer essa unidade cultural, caso algum dia resolvermos jogar fora nosso patrimônio civilizacional comum, o cristianismo, nenhum planejamento engenhoso poderá nos aproximar.

Referências Bibliográficas

AGOTINHO Santo, *A cidade de Deus*, Vol. I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian 1996

ALVES, Anderson Machado Rodrigues, *Ser e Dever-ser: Tomás de Aquino e o debate filosófico contemporâneo* – São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2015

RATZINGER, Joseph, *Fé, Verdade e Tolerância* – O Cristianismo e as grandes religiões do mundo, São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 3ª reimpressão, 2015

BELAUNDE, Víctor Andrés, *Memorias Completas*. T. II, Lima, 1967, Ediciones Ediventas,

BELAUNDE, Víctor Andrés, *La Síntesis Viviente – Palabras de fe*. OBRAS COMPLETAS, tomo VI, Pontificia Universidad Católica del Perú-Instituto Riva Agüero, Lima, 1993

BONDY Augusto Salazar , *Existe uma filosofia en nuestra América?*, México: Siglo XXI, 1968

CRIPPA Adolpho, *Cultura e Transcendência* Anais do VIII Congresso Interamericano de Filosofia e V da Sociedade Interamericana de Filosofia. Outubro/Novembro de 1972. São Paulo, Instituto Brasileiro de Filosofia, 1974 V.I